



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

O PARADOXO DA TEORIA DA EVOLUÇÃO DE CHARLES DARWIN E SUA CAUSA SAGRADA NO MUNDO MODERNO

Maíra Maia de Moura

RESUMO

Este artigo busca entender a polêmica apropriação da obra *A Origem das Espécies*, publicada em 1859, de Charles Darwin, de que forma o seu aparecimento marcou época, transformando a maneira de compreendermos a vida natural e o planeta Terra, tendo impacto relevante no que se refere ao entendimento do ser humano, alcançando aspectos sociais e consequências políticas de grande importância. A abordagem desenvolvida neste estudo é de cunho qualitativo e bibliográfico, com destaque para Desmond e Moore (2009). Segundo os autores consultados, Darwin sabia das consequências e das polêmicas que iriam advir com a publicação da sua Teoria da Evolução, mas tinha a verdade e a ciência como bens supremos, dentro do entendimento da sua época. Evidencia que a revisão e a pesquisa histórica são um modo de revisitar o passado e de esclarecer coisas ocultas, através da descoberta de novas fontes, como foi o caso das cartas de Darwin, que mostraram ao mundo que ele tinha em vida uma posição muito diferente daquela que lhe atribui o darwinismo social, amplamente divulgado.

Palavras-Chave: Evolução – Modernidade - História

Introdução

Este texto resulta de uma leitura bibliográfica com foco em Charles Darwin (1809 – 1882), resultante de estudos desenvolvidos junto ao Seminário de Educação Brasileira, integrante da grade curricular do nosso curso de Doutorado em Educação, junto à UFC, o qual discutiu, entre outros tópicos, a importância de algumas teorias sociais e científicas que marcaram as ciências humanas e a nossa educação escolar.

Começa por destacar a polêmica que a obra de Darwin causou no século XIX e segue tratando de apropriações feitas em seu nome. Afinal, ele seria um marco no pensamento científico da época. Se Copérnico abalara as certezas humanas da teoria/teologia que afirmava ser a terra o centro do universo, a Teoria da Evolução iria tirar do homem o privilégio de ser o Adão ou perfeito, feito à imagem e semelhança de Deus, embora imperfeito e pecador, expulso do paraíso, onde vivia em comunhão com a natureza, para a angústia do livre arbítrio e da capacidade de pensar.

O humanismo de Darwin emergiu na época em que ocorria a consolidação da revolução industrial e dos colonialismos. Assim, seria duramente posto à prova, não pelo seu entendimento do novo papel do homem, na cadeia evolutiva dos animais, mas bem mais por usos e distorções que adequavam a sua teoria aos desígnios e cobiças da modernidade. A teoria da Evolução aniquilou



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Adão, no entanto, era preciso, em uma sociedade voraz no lucro e cruel no trato com a diferença, construir novos “mitos”, se não mais apoiado na teologia, agora apoiado na ciência e na razão.

Foi também no século XIX, inspirados na teoria darwinista, que resolveram muitos pensadores, políticos, burgueses e capitalistas europeus, colocar o homem branco e europeu no topo da evolução, reservando para outras raças e povos escalas inferiores dentro do inexorável processo evolutivo.

Isto porque, ao seguir a ciência e renunciar a religião, Darwin deu início ao mundo laico moderno, mas ele ficou à margem das “apropriações” e “usos” que as sociedades europeias dominantes fizeram da sua teoria.

Diante de tais considerações, é importante compreender as reais motivações de Darwin e as suas firmes posições éticas e humanistas, bem como o discurso ideológico, sob o manto do cientificismo que se impôs na modernidade como uma espécie de uma “nova e incontestável”, montado a partir da teoria da evolução para justificar dominações e preconceitos entre raças, povos e comunidades.

A Causa Sagrada de Darwin, de Desmond e Moore

Na obra *A Causa Sagrada de Darwin*, de Desmond e Moore (2009), fica claro que Darwin tinha horror à servidão e à brutalidade da dominação racial. Ele não deixava margens de interpretação na sua aversão aos desejos dos escravagistas de tornar o homem negro uma outra espécie inferior na escala evolutiva, de forma a justificar a escravidão, a exploração e a crueldade. Era firme o discurso de Darwin numa humanidade de origem comum, daí a sua posição política de partilhar dos ideais abolicionistas da sua época.

Se antes, como base nas crenças religiosas, os homens se dividiam entre “escolhidos de Deus” e gentios, entre cristão e infiéis, entre crentes e pagãos, numa escala valorativa determinada por cada grupo, em lutas determinadas mais por geopolíticas e interesses econômicos, do que pela visão do Sagrado, Darwin, homem da ciência, arauto de uma Nova Era da modernidade e do predomínio da razão, não permitiria uma nova visão de oposições, entre brancos, pretos, amarelos e mestiços, numa hierarquia baseada na evolução da espécie, para justifica o injustificável.

Chegando à compreensão do **paradoxo** como uma declaração aparentemente verdadeira que leva a uma contradição lógica, ou a uma situação que contradiz a intuição comum¹⁸⁶, podemos compreender que o grande contraponto dessa discussão é que Darwin, como defensor de causas morais tão profundas contra a escravidão, a servidão e a brutalidade das guerras de conquistas,



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

jamais permitiria o uso ideológico de sua teoria, que se afirmasse ser o negro pertencente à outra espécie; ou ainda para justificar o conflito racial e a limpeza étnica.

Contudo, é esse o uso que as chamadas “ciências sociais” do final do século XIX vão fazer, servindo ao capitalismo e aos novos colonialismos que conquistavam novos territórios e espaços de expansão econômica, que teria consequências desastrosas para o planeta e para a humanidade.

Charles Darwin e sua Teoria da Evolução – Uma Revolução

Charles Darwin (1809 -1882), nascido na Inglaterra vitoriana, numa época em que esse país se espalhava como império e mantinha o seu domínio, a partir de força econômica, tecnológica e militar, resultante da revolução industrial. Ele pertencia à pequena nobreza e estava destinado a uma vida adequada ao seu status social. No entanto, ao invés de comerciante, economista na bolsa ou mesmo professor universitário, veio a tornar-se um dos mais importantes cientistas do seu tempo, tendo as suas teorias impactos marcantes (na ciência, na cultura, na sociedade e na política) em toda a história do século XX, chegando mesmo ao século XXI.

O mundo mudou e de forma incisiva foi transformado, pois o conceito sobre a origem do homem e a visão do Deus bíblico então dominante, deu lugar a outra explicação. Hoje, já é amplamente sabido que, quando esse naturalista convenceu a comunidade científica da ocorrência da evolução das espécies e propôs uma teoria ampla, calcada em análises comparativas e estudos rigorosos, para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual.¹⁸⁷

Darwin teve como base para formulação da sua teoria científica a viagem que fizera, ao redor do mundo, a bordo do navio *Beagle*¹⁸⁸, principalmente nas suas observações sobre a distribuição das espécies. O tempo que passou a bordo do *Beagle* foi importante por muitas razões, dentre as quais podemos destacar a que mostra estar ele longe do ambiente “vitoriano” voltado para a manutenção de dogmas e crenças religiosas; por isso, ele afastara-se dos mentores de Cambridge, livrara-se do círculo da família e dos compromissos mais ordinários, sendo obrigado, nos seus estudos e aventuras (correndo muitas vezes o risco de acidentes e morte), a pensar pela própria cabeça e a quebrar as barreiras que limitavam o conhecimento, fazendo disso um marco da sua vida e da ciência.

Há consenso no meio acadêmico mundial de ter sido Charles Darwin o pai da Teoria da Evolução. De acordo com esta teoria, a evolução dos seres vivos foi originada de um ancestral

¹⁸⁷ (Wikipédia).

¹⁸⁸ No diário do *Beagle* constam todos os relatos da Viagem de Darwin. Na sua [Autobiografia](#), publicada no Brasil pela Editora Contraponto, em 2000, há um tópico dedicado a essa viagem.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

comum, herdando pequenas modificações, que, a partir da seleção natural, se perpetuariam ou não. A teoria foi criticada na área religiosa, ideológica e também científica em todo mundo.

O cientista observou que, dentro de uma espécie, os indivíduos diferem uns dos outros, existindo, portanto, a luta pela sobrevivência. Os mais bem adaptados são os que deixam maior número de descendentes. Apesar de fundamentalmente correto, o darwinismo foi complementado e afinado pelos evolucionistas do século XX, a partir de novas pesquisas e experimentos científicos, até que se transformasse na sólida doutrina evolucionista que hoje é reconhecida universalmente.

O próprio Darwin nos esclarece sobre a sua teoria na Introdução do Livro *A Origem das Espécies* (1879):

Estou plenamente convencido que as espécies não são imutáveis; estou convencido que as espécies que pertencem ao que chamamos o mesmo gênero derivam diretamente de qualquer outra espécie ordinariamente distinta, do mesmo modo que as variedades reconhecidas de uma espécie, seja qual for, derivam diretamente desta espécie; estou convencido, enfim, que a seleção natural tem desempenhado o principal papel na modificação das espécies, posto que outros agentes tenham nela partilhado igualmente.¹⁸⁹

Para as Ciências Biológicas, Darwin propôs à maior ideia e conceito de como e por que a evolução funciona e quais são as forças que a dirigem. A teoria de Darwin repercutiu nos mais diversos campos do saber: história, sociologia, antropologia, psicologia e educação. Todas essas áreas passam pela discussão das ideias de Darwin,

A Causa Sagrada de Darwin: uma revelação esclarecedora

Como já dissemos Desmond e Moore (2009) evidenciam em seu estudo que Darwin tinha horror à servidão e combatia com vigor a ideia escravagista que propagava o homem negro como pertencendo a uma espécie inferior, como justificativa da escravidão. Para esses autores, o ponto de partida de Darwin foi a crença abolicionista nos laços de sangue, numa “origem comum”. Eles salientam que Darwin não participava de comícios e petições abolicionistas, não era um ativista da mesma maneira que seus amigos e familiares, porém, ao afirmar que todos nós estamos unidos numa única rede, podemos todos sentir a mesma dor e aspirar a felicidade, ele deixa claro que não homens ou povos superiores ou inferiores.

Desmond e Moore explicam que Darwin invertera a lógica racista, e que o combustível de sua obra evolutiva era uma paixão moral. Os autores em questão sondaram as profundezas da postura de anti-escravidão de Darwin, explorando um tesouro de cartas inéditas de Darwin à familiares, em uma quantidade imensa, seus cadernos de anotações e suas missivas já publicadas (se



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

sabe da existência de 15 mil cartas)¹⁹⁰. Para Darwin, mesmo não negando a complexidade tida como superior da cultura britânica, todos os homens tinham a mesma origem e eram, portanto, “passíveis de desenvolvimento”.¹⁹¹

Sobre a aversão de Darwin à escravidão, um outro autor, Stephen Jay Gould (2009), afirma:

Darwin abominava particularmente a escravatura e a má utilização de provas científicas para defendê-la. Em 1850, a propósito da defesa que Agassiz havia feito da poligenia – a doutrina de que as raças humanas representariam espécies separadas –, escreveu:

“Pergunto-me se as questões... A respeito de distinções específicas de raças humanas são um reflexo das palestras de Agassiz nos Estados Unidos, nas quais ele tem sustentado a doutrina das diversas espécies – para grande alegria, diria eu, dos sulistas escravocratas”.¹⁹²

Esse Darwin que se insurge contra a escravidão é o mesmo Darwin que vai apoiar a luta contra o trabalho infantil, que usava crianças como limpadores de chaminés, por reformas mais liberais na educação, além de muitas e importantes reformas sociais.

Desmond e Moore (2009) nos esclarece que o imperativo humanitário de Darwin nunca foi devidamente posto em primeiro lugar, temos esse imperativo humanitário integrando o contexto do abolicionismo do século XIX e fala também à nossa era pós-colonial, sabendo nós do seu horror à limpeza étnica e ao *apartheid*. Essa manipulação da Teoria da Evolução se cria se é fortalecida com o positivismo e a eugenia, atingiria sua maioridade no século XX, com as práticas bio-políticas do nazifascismo.

O paradoxo de uma teoria e sua má utilização

Compreendemos **paradoxo**, na sua definição mais comum, encontrada com facilidade em qualquer dicionário, como uma afirmação aparentemente verdadeira, que leva a uma contradição lógica, ou a uma situação que contradiz a intuição comum. Em termos simples, um paradoxo é "o oposto do que alguém pensa ser a verdade". A identificação de um paradoxo baseado em conceitos aparentemente simples e racionais tem, por vezes, auxiliado significativamente o progresso da ciência, filosofia e matemática.

Estamos assim diante do paradoxo de um homem com tão forte paixão pela ciência e firmeza moral ao opor-se à escravidão e à servidão, mas que teve a teoria e ideias utilizadas de forma perversa para justificar o capitalismo, os conflitos raciais e a limpeza étnica, através dos colonialismos, das conquistas e submissão de outros povos e mesmo dos genocídios. Essa ideia disseminou-se de tal forma que na escola muitos jovens aprendem que a teoria de Darwin foi feita

¹⁹⁰ (Desmond e Moore, 2009)

¹⁹¹ GOULD, Stephen Jay. In Prefácio. *Cartas Seletas de Charles Darwin*. Organização de Frederick Burkhardt. São Paulo. Editora Unesp, 2009. PP. 16 e 17.

¹⁹² Ob. Cit. Idem. P. 17.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

para justificar a desigualdade social, sob o lema de que só os mais fortes sobrevivem e saem mais vitoriosos, como se isso resultasse de uma lei natural.

O Darwinismo foi, pouco a pouco, sendo utilizado nas Ciências Sociais, apesar de Darwin nunca ter afirmado que este termo podia ser utilizado nas ciências humanas. No início, a apropriação indevida foi feita pelo historiador norte-americano Richard Hofstadter e por Herbert Spencer. Inventaram eles o conceito de Darwinismo Social, justificando e explicando a suposta “superioridade” de uma raça humana sobre a outra raça, de um povo sobre outro povo.

Compreende-se que, diante do massacre social gerado pela Revolução industrial e da inconstância capitalista pós-revolução industrial, na competitividade por novos territórios, eles sugeriram que os que estavam pobres eram os menos aptos e os que ficaram mais ricos seriam os mais aptos a sobrevivência, os mais evoluídos. O topo da pirâmide social pertenceria, portanto, aos mais aptos, aos homens superiores. Os países capitalistas iriam usar o darwinismo social como justificativa para a exclusão social e o imperialismo.

Na construção das nações, os povos considerados inferiores, bem como os mestiços eram marginalizados ou condenados à extinção, em nome da evolução da raça branca e superiora. No Brasil, por exemplo, no final do século XIX, através das ideologias eugenistas e positivistas, notadamente sobre a influência de Gobineau, a nascente República exterminou a comunidade de Canudos, tidas como um antro de homens de raça inferior que constituíam uma ipecuosa ao desenvolvimento da nação rumo à sua europeização e o seu enbranquecimento.

No século XX, a partir do desenvolvimento das teorias eugênicas e seu aproveitamento por instâncias autoritárias do poder, o processo de “Darwinismo social” iria culminar nos holocaustos, que, sob justificativas absurdas, abatera-se sobre negros, armênios e judeus, e índios. Essas ideias que se transformaram em bio-políticas, com a organização de indústrias da morte, propunham uma nova ideologia de melhoria da raça humana por meio da ciência. O nome ligado a essas ideias está o de Francis J. Galton, associado ao surgimento da genética humana e da eugenia.

Lendo-se estudos como o de Jacques Sémelin (2009) e de André Guerra (2006), entende-se que o racismo já atormenta a humanidade há milhares de anos e ele mostra a sua verdadeira natureza, especialmente, no século XX – a era da violência e dos horrores. É assustador pensar, por exemplo, que a teoria de Darwin influenciou holocaustos e eliminação de tantos povos. Se as causas eram econômicas e geopolíticas, a tudo se justificava, como sendo o da imposição da superioridade de uma raça sobre a outra, considerada como sendo inferior. Diz-se que Hitler era admirador de



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Darwin e são muitas as publicações de cientistas que tentam ligar Darwin à justificativa do racismo e mesmo à barbárie do capitalismo e dos mercados globalizados.

É assustador, pensar em todos esses usos políticos, sociológicos e econômicos das teorias científicas, pelos estados, corporações e grupos de interesses. Hoje, não há mais espaço para ingenuidade de pensar a ciência como imune ao “mal” ou às manipulações políticas e econômicas do seu tempo. Mais do que nunca a ciência está a reboque da eficiência capitalista e, portanto, da dominação. As benesses da ciência, no mundo do Grande Mercado, passam a existir como mercadorias, com saberes e técnicas formadas pela junção do trabalho e milhares de pesquisadores, sob controle privado.

Pesquisa bibliográfica vista como metodologia

A leitura desenvolvida neste texto é composta por uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994), ao se desenvolver uma proposta de investigação, ou até mesmo no desenrolar das etapas de uma pesquisa, vamos reconhecendo a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis, face ao tipo de informações necessárias para se cumprirem os objetivos do trabalho. Nosso exercício de entendimento da questão posta caminha para o universo de significações, motivos, atitudes, crenças aspirações e valores, a partir da análise e interpretação de uma bibliografia previamente selecionada. Por força da problemática estudada, nas obras escolhidas, esta nos encaminha para o universo de significações, motivos, atitudes, crenças aspirações e valores, de um campo transdisciplinar, que representam conjuntos de dados considerados qualitativos. O uso do método qualitativo se justifica por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social, o que favorece compreender aspectos subjetivos cujos dados não podem ser colocados em outros métodos devido à complexidade que encerram.

Para Minayo (1992), é no campo da subjetividade e do simbolismo, que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente dos agrupamentos dos fenômenos sob conceitos gerados através de experimentações. Para a autora, a pesquisa de base bibliográfica, leva em consideração tudo aquilo que se faz, a partir de levantamento de referências teóricas já analisadas.

Segundo Marconi e Lakatos (2007):

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias é a que especificamente interessa a este trabalho, trata-se de levantamento de algumas das bibliografias mais estudada em forma de livros revistas, publicações avulsas, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi escrito sobre determinado assunto, com objetivo de permitir ao cientista poder analisar ou manipular suas informações com outras bibliografias já publicadas. (p. 43)



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Em suma, a revisão literária enquanto pesquisa bibliográfica tem por função justificar os objetivos e contribuir para própria pesquisa. Consiste essa pesquisa bibliográfica no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica. Dessa forma, o pesquisador é colocado em contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

Considerações finais

Concluimos este ensaio compreendendo e reafirmando a importância de estudos bibliográficos, em especial de natureza histórica, como é aqui o caso. Desde a nossa formação escolar, sabíamos da importância da obra *A Origem das Espécies (1859)*, de Charles Darwin, para o mundo moderno. Que a teoria de Darwin repercutiu com força, nos mais diversos campos do saber: história, sociologia, antropologia, psicologia e educação. A sua influência se estende até os dias de hoje. Contudo, se não fossem as revelações apresentadas por Adrian Desmond e James Moore, no estudo intitulado, *A Causa Sagrada de Darwin*, guardaríamos, talvez para sempre, a imagem do famoso cientista inglês como sendo de alguém fadado a posições racistas e excludentes de povos e culturas que sofreram as agruras da colonização.

No livro de apoio aqui utilizado, percebemos que a “causa sagrada” de Darwin era a sua crença numa origem comum das espécies e da afirmação do homem de todas as raças, pertencendo a uma mesma espécie, em processo evolutivo. A grande revelação obtida por nós foi saber que Darwin tinha aversão à servidão e à escravidão, negando sempre aqueles que procuravam, através da sua teoria ou por outros meios, reduzir o homem negro ou de qualquer outra raça a uma condição de inferioridade.

Nesse sentido, se a sua teoria livrara o homem da servidão do criacionismo e da submissão à religião, deveria também libertar o homem da ignorância e das novas formas de servidão. Admiravelmente, ter a sua teoria rejeitada, aceita e/ou manipulada não o fez curvar-se, mas, antes, isto deu a ele forças para o bom combate e para a afirmação das suas crenças humanitárias mais profundas.

Hoje, deveria ser para todos cada vez mais claro, que a humanidade é uma só e todos os povos, de todas as raças, têm uma mesma origem comum. Nessa compreensão, o Super-Homem de Nietzsche, dominador, violento e sem piedade - imagem já popularizada e por vezes festejada de sua filosofia - não encontra abrigo. Ao invés de sociedades, estados e corporações, altamente competitivas e excludentes, no mundo capitalista ocidental e mesmo nas experiências fracassadas do socialismo real. A ideologia autoritária, que afirma que apenas os mais fortes e os privilegiados



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

devem sobreviver, é hoje denunciada como uma excrescência do pensamento científico e extensão autoritária dos nazi-fascismos, em seus diferentes matizes.

Referências

- DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Hemus, 1981.
- BURKHARDT, Frederick, EVANS, Samantha e PEARN, Alison (Orgs). *A Evolução. Cartas Seletas de Charles Darwin 1860-1870*. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- COULD, Sphen Jay. *Prefácio*. In: BURKHARDT, Frederick, EVANS, Samantha e PEARN, Alison (Orgs). *A Evolução. Cartas Seletas de Charles Darwin 1860-1870*. São Paulo. Editora UNESP, 2009.
- DESMOND, Adrian e MOORE, James. *A Causa Sagrada de Darwin*. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2009.
- GUERRA, André. *Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI*. Cienc. Cult. vol.58 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2006.
- MARCONI, M. A., & LAKATOS, E. M. (2007). *Técnicas de pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo: ABDR, 1992.
- SÉMELIN, Jacques. *Purificar e destruir: usos políticos dos massacres e dos genocídios*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- Wikipédia* – Google. https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=charles+darwin
Acessado em: 03\12\2015